

DISCURSO DE SAUDAÇÃO DO PROFESSOR
MARCÍLIO TOSCANO FRANCA FILHO NA
CERIMÔNIA DE POSSE DO NOVO VICE-REITOR

Marcílio Toscano Franca Filho
UFPB, João Pessoa, PB, Brasil
mfilho@tce.pb.gov.br

Magnífica Reitora, Profa. Dra. Margareth Diniz,
Eminentes Autoridades aqui presentes,
Doutos Professores,
Estimados alunos,
Prezados Servidores Técnico-Administrativos,
Minhas senhoras e meus senhores,
Meu querido amigo Prof. Dr. Eduardo Rabenhorst, Vice-Reitor eleito e ora empossado:

*Uma flecha me fere
neste cair de tarde.
É o tempo que passa
com o seu vôo de ave.*

*É a noite que chega
e, borracha, apaga
o meu rosto no espelho
e os meus passos na escada.*

*Caminho travessio
de partida e chegada!
Todo fim é começo,*

*arremesso de flecha
em meu ombro pousada
como se fosse um pássaro.*

Como no soneto de Lêdo Ivo, somos todos atingidos pela seta do tempo neste cair de tarde, neste momento que marca, no dizer do grande poeta alagoano, partida e chegada, fim que é também começo: a conclusão de um processo eleitoral, o findar de uma gestão à frente da Faculdade de Direito e o raiar de novos desafios na administração universitária. Neste instante, Prof. Eduardo,

repito a augúrio que já lhe mencionei há alguns dias: “no cais, todo navio está seguro, mas ele não foi feito para isso”. É um novo tempo que começa agora.

Mas afinal, “a nossa substância é o tempo; somos feitos de tempo”, como disse certa feita o cego Jorge Luís Borges, o sagaz vidente argentino. E porque o tempo passa, nós também passamos como a flecha de Lêdo Ivo: passamos por lugares, passamos por tempos, passamos por pessoas e por nós mesmos. E quando um tempo acaba é outro que imediatamente começa depois dele. É esse um dos mais belos mistérios da vida e que não fica de fora do mundo da Academia, muito menos dos umbrais desta Universidade. “Tudo flui”, ensina-nos Heráclito de Éfeso, a partir do seu fragmento 91.

O tempo que passa pode ser interpretado de duas maneiras, postas a claro pela transtemporânea sabedoria da mitologia grega: o tempo de Kronos e o tempo das Horas. A alegoria do tempo de Kronos é a do tempo da divisão, do compasso. Tempo como prisão do imediato, a que estamos todos atados sem ligação possível nem com o passado nem com o futuro. Este é, segundo o filósofo belga François Ost, “o tempo do tirano que se esgota em um presente estéril, sem memória nem projeto”. O tempo das Horas é diferente do tempo de Kronos. Filhas de Zeus, deus do mundo, e de Têmis, a deusa da justiça, as Horas (Eirene, Dike e Eunomia) personificam o suceder harmonioso e constante das estações do ano e bem representam algumas virtudes cívicas capitais: a pluralidade das alternâncias e a bem-vinda periodicidade das mudanças.

É guiado pelo tempo das Horas que agora se completa este novo momento da Reitoria da Universidade Federal da Paraíba, um tempo que não se resume à temporalidade presente, mas que é, sobretudo, produto de uma constante temperança. Um tempo que ora é continuidade, mas ora é um irromper de instantes. Ora é o prosseguimento de uma vida acadêmica eivada de seriedade e esforço intelectual, como é o percurso de Eduardo Rabenhorst nesta instituição, ora é o momento que inaugura e instaura um novo ciclo na Vice-Reitoria da Universidade Federal da Paraíba.

O tempo presente, portanto, traz em seu ventre o tempo passado e o tempo futuro, para que não esqueçamos outra lição borgeana: “Somos sempre Heráclito vendo seu reflexo no rio e pensando que o rio não é o rio porque suas águas mudaram, e pensando que ele não é Heráclito porque foi outras pessoas entre a última vez que viu o rio e esta. Ou seja, somos algo cambiante e algo permanente”. É o mesmo Jorge Luís Borges, aliás, quem nos relata, em seu célebre e desconcertante conto “O Outro”, que ele já provara dessa tridimensionalidade do tempo: o presente que sempre “tem uma partícula de passado e uma partícula de futuro”. De volta à sua amada Genebra, em 1972, depois de uma temporada nos Estados Unidos, Borges nos conta que, em fevereiro de 1969, ainda estava em Harvard, concluindo os seus dias de professor visitante naquela prestigiosa universidade americana. Fora convidado para proferir as tradicionais *Charles Eliot Norton Poetry Lectures* do ano acadêmico 1967/1968. Estabelecidas em 1925 em homenagem a um dos primeiros catedráticos de arte e literatura de Harvard, as *Norton Lectures* constituem um ciclo de seis conferências magistrais em que um grande nome das artes, da literatura, da pintura, da música ou da arquitetura aborda um tema de sua livre escolha ao longo de um ano acadêmico. Nos anos anteriores, nomes como Meyer Schapiro, Igor Stravinsky, E.E. Cummings, Erwin Panofsky e T. S. Eliot já haviam atendido um convite semelhante da Universidade de Harvard. Em “O Outro”, um Borges já septuagenário nos relata que, certa manhã invernal, recostado em um

banco de frente para o rio Charles, na cidadezinha de Cambridge, Massachussets, viu sentar ao seu lado um jovem, com quem começou a conversar. Depois de alguma prosa, descobriu – “*com o medo elementar do impossível e no entanto verdadeiro*” - que o jovem de cerca de vinte anos ali ao lado era o próprio Borges, cinquenta anos mais moço. A partir daí, a narrativa segue em uma complexa trama temporal: ela ocorre no presente, mas menciona um passado quando o Borges mais velho fala de coisas que virão a acontecer na vida do jovem Borges. Este jovem, por seu turno, conta coisas de sua vida atual (o seu presente) ao outro Borges, o velho, que já viveu aquilo tudo.

É esse mesmo encontro de passado, presente e futuro de que fala Borges em seu conto, o encontro que me inspira nessa cerimônia de posse, Magnífica Reitora, um encontro de dimensões temporais, mas para nós – para mim e para Eduardo – também o encontro de dois amigos. Aliás, foi o próprio Prof. Eduardo quem asseverou, em seu livro mais recente, que “*um olho não pode se ver sem o auxílio de outro olho*” e é por isso que compreendo o seu convite para saudá-lo hoje como a procura do “*olho do amigo, (...) aquela via para a auto-reflexão e para a formação da consciência de si*”, mas também o olho jânico que poderia estar na nuca, o olho que vê o que se passou, desvendando o mistério do que ficou para trás.

Hoje, ao homenagear o Prof. Dr. Eduardo Rabenhorst, não posso deixar de me reencontrar nesta mesma sala com o jovem aluno que fui ao ingressar na Faculdade de Direito em 1990 e que se deparou, logo nos primeiros dias de aula, com o brilhante Professor de Filosofia do Direito recém-admitido nesta instituição. Era um também jovem Eduardo Ramalho Rabenhorst, de quem eu tive a honra de ser aluno já em meu primeiro ano de curso de Direito e, logo depois, de ser o seu primeiro orientando na Universidade Federal da Paraíba.

Eduardo Rabenhorst foi sempre exemplar como professor e orientador: suas lições cuidadosas; seu comportamento sério e comprometido com o rigor da filosofia, com a ética e com a linguagem; a forma criteriosa com que conduzia sua cátedra e seu labor; a coragem de ser fiel a si mesmo, em tempos de fidelidades outras, impessoais e decadentes; tudo isso moldou a imagem em que pretendi me espelhar, para usar um tema que lhe é tão caro. Quiseram as moiras que a espiral do tempo desse mais algumas voltas e estivéssesmos de novo reunidos hoje, nesta sessão solene, agora eu também na condição de professor da Faculdade de Direito e ele na de Vice-Reitor de minha Universidade.

No professor sério e dedicado de ontem já habitava o Vice-Reitor de agora. E se é certo que “*o menino é pai do homem*”, como disse o poeta inglês William Wordsworth, citado nas machadianas “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, verdade é também que o aluno que fui é mestre do professor que hoje sou. E o aluno que fui deve, em grande medida, ao Professor que é Eduardo Rabenhorst. Percorrendo os labirintos da Filosofia há muito tempo, Eduardo Rabenhorst persegue incansavelmente uma atitude de reflexão constante, de crítica contínua e profunda sobre os próprios fundamentos do ser, do saber e do sentir. Uma inquietude permanente que se traduz em um esforço mental de curiosidade e especulação perenes. É essa permanência da dúvida, essa agudização da crítica, essa exacerbação do questionamento, a quotidiana lição que Eduardo Rabenhorst ensina a seus alunos desde 1990 e que, agora, toma o seu lugar na administração superior da Universidade Federal da Paraíba.

Aliás, permitam-me fazer um registro lingüístico: não creio que seja o Prof. Eduardo Rabenhorst quem toma posse, hoje, na Vice-Reitoria da UFPB. É, sim, a Vice-Reitoria que toma posse do filósofo, capaz das perguntas mais contundentes, das dúvidas mais desconfortantes, das questões mas improváveis. E tal apossamento da Vice-Reitoria sobre o filósofo é fundamental para a própria Universidade e seu futuro. Um outro filósofo, o alemão Martin Heidegger, em seu discurso de posse no Reitorado da Universidade de Freiburg, em 1933, bem lembrou que o auto-conhecimento é o principal fundamento e o mais importante requisito da autonomia universitária. Ensina-nos Heidegger, em suas próprias palavras:

“A autonomia quer dizer certamente: pormo-nos a nós mesmos uma tarefa e, ao mesmo tempo, determinarmos nós mesmos o caminho e o modo de sua realização, a fim de nela sermos o que devemos ser. Mas, por acaso, sabemos nós quem somos nós mesmos, quer dizer, essa corporação de professores e de alunos (...)? Será que é possível que o saibamos sem a mais constante e severa auto-meditação? Nem o conhecimento do estado atual da universidade, nem também a familiaridade com sua história anterior garantem a existência de um conhecimento suficiente de sua essência. (...). A autonomia [a auto-administração da Universidade] só é consistente quando fundamentada na auto-reflexão.”

Esse apelo heideggeriano, portanto, traz para a seara da autonomia universitária o clássico imperativo délfico: “*Conhece-te a ti mesmo*”. Densificar e concretizar esse imperativo exige expandir continuamente os limites da liberdade de cátedra e instaurar a dúvida e o debate como métodos permanentes nesta respeitável instituição acadêmica. Algumas vezes, foi justamente por falta do “conhecer a si mesmo” que essa autonomia pôde ser lida num sentido que não é o seu. Não creio que uma visão deturpada de autonomia pode perseverar quando um filósofo e também jurista ocupa uma cadeira na sua direção. Aliás, qualquer visão deturpada de autonomia não há de prosperar quando se unem dois professores doutores – uma, doutora nas coisas do corpo, e outro, doutor nas coisas do espírito – que juntos são capazes de definir os limites do homem e de sua analogia, as fronteiras das pessoas artificiais como o é a autarquia universitária.

Ao concluir, Prof. Eduardo Rabenhorst, dirijo-lhe neste instante o mesmo convite que o Professor Carlos Alberto da Mota Pinto dirigiu, certa feita, ao Primeiro Ministro Italiano Amintore Fanfani, na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra, em que estudei, para que façamos uma rápida viagem imaginária à bela Florença. Ali, na velha e tradicional *Accademia Fiorentina*, encontraremos a obra-prima de Michelangelo Buonarroti, o grande escultor do Renascimento. Não, não me refiro, Magnífica Reitora, Prof. Eduardo, ao Davi – seu afamado *capolavoro* –, nem ao San Matteo, nem tampouco à Pietà di Palestrina. Na *Accademia Fiorentina*, o gênio de Michelangelo se nos apresenta em sua maior plenitude nos quatro *Prigionieri*, quatro imensos blocos de pedra em que homens metade esculpidos, metade ainda aprisionados no rude frio do mármore inacabado, parecem querer se libertar. É essa imagem do jamais acabado, do esforço constante, infatigável e perpétuo dos quatro *Prigionieri* de Michelangelo que creio dever orientar os passos da nova Administração Universitária e é com ela que saúdo o início do novo Vice-Reitorado, porque – como bem lembra François Ost – “*o combate com o verdadeiro, assim como o combate com o belo, está sempre prestes a recomeçar, porque jamais foi ganho*”.

Muito obrigado a todos!